

Djumbay

informativa da
Comunidade
Negra
Pernambucana
Junho/95 • nº 20
R\$ 0,90



Projeto Njinga-Zumbi:
Uma iniciativa de resgate
e reavaliação da
Educação na abertura do
3º milênio
Seção PILE - PAG. 12

DJUMBAY encaminha
proposta de realização
do 1º Seminário
Nacional de Imprensa
Negra Brasileira
Seção YOYE -PAG. 13

Público infantil é
contemplado com nova
seção no DJUMBAY
Seção IDANILARAYA -
PAG. 9



Ivano e Banda
Rebelata - relança L
na Kizomba Njinga
Zumbi

IMORAN, ÌMO ☞ Editorial

Já se foram 03 anos de muita luta, desafios, criatividade e perseverança para fazer vingar o JORNAL DJUMBAY enquanto "Informativo da Comunidade Negra Pernambucana".

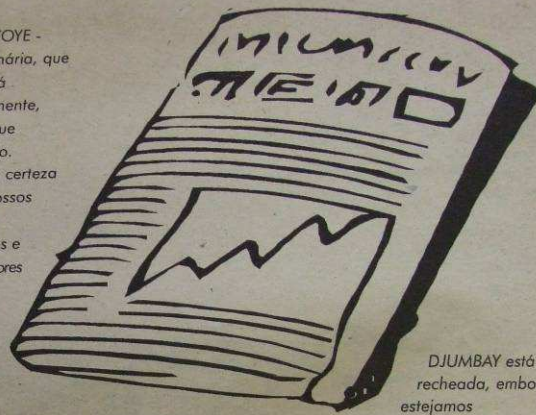
Por isso, para não comprometer a qualidade do trabalho realizado durante esses anos, paramos para reavaliar o jornal, voltando com uma outra feição.

Agora, o DJUMBAY chega até você com uma nova concepção gráfica, pensada para atender a necessidade há muito sentida por nossos leitores: mais espaço para saber das coisas da

tradição, das coisas da negrada e para poderem se expressar mais e melhor. Você também poderá encontrar três novas seções. Uma que vem contemplar o leitor adulto no que se refere ao que de mais atual está sendo discutido no Brasil e no mundo, é a nova seção ÌWOYÌ - Atualidades; e a seção ÌDÀNILÁRAYÁ - Negritude Lúdica, onde as crianças foram particularmente privilegiadas e poderão encontrar passatempos educativos que as instruirão na caminhada dentro do universo da cultura negra. Nas 16 páginas desta edição você encontrará, também,

a seção YOYE - Extraordinária, que aparecerá eventualmente, sempre que necessário.

Temos certeza que os nossos leitores, assinantes e colaboradores sabem que, manter um jornal como o DJUMBAY, que já ultrapassa a barreira estadual e até nacional, passando agora a ser impresso em tamanho tablóide, em cores e mantendo a tiragem de



10 mil exemplares, é uma vitória sem par! É de vitórias, conquistas e muita garra que a edição nº 20 do

DJUMBAY está recheada, embora estejamos conscientes das dificuldades históricas a serem superadas. Tenham uma boa leitura. O prazer é todo nosso! Com muito Axé, Equipe Djumbay

IRÁNTI ☞ Memória

04/04/1068 - Morre em Memphis - EUA, Martin Luther King Jr.
10/04/1993 - Falecimento de Chris Hani (ativista negro, Secretário Geral do CNA)

25/04/1995 - 16 anos do Oladum
26 a 29/04/1994 - Primeiras eleições multirraciais na África do Sul
28/abril/1995 - O

Fórum de Entidades negras - FENEPE apresenta oficialmente ao prefeito Jarbas Vasconcelos, o Projeto "Njinga-Zumbi - Educação do 3º Milênio", uma nova perspectiva para a educação
30/abril - Dia Nacional da Mulher
09/maio/1987 - 8 anos de fundação da Casa Dandara, em Minas Gerais
10/maio/1940 - Morre, em Londres, o pan-africanista Marcus Garvey
Maio/1945 - 50 anos de nascimento de Bob Marley
13/maio - Dia de debate e denúncia contra o racismo



Nasceu Malcom X, em Omaha, Nebraska - EUA
3/junho - Dia Internacional do meio ambiente
13/junho - 4 anos da Banda Raízes de África
19/maio/1925 -

Djumbay



DJUMBAY é uma publicação do DJUMBAY - Organização pelo desenvolvimento da Arte e Cultura Negra
Caixa Postal nº 1805 Recife - PE, CEP: 50001-970, Telefone 224.0637
Conselho Editorial: Ana Maria Gomes, Daniel Silva, Gilson Pereira, Gláucia Maria, Japê Correia, Rosilene Rodrigues e Verônica Gomes.
Secretário Executivo: Joraci Silva
Jornalista Responsável: Cleandro Regina, Reg. Prof. nº 1970 DRT/PE
Editorial em Jornalismo: Gláucia Maria
Revisão Ortográfica: Djumbay
Projeto Gráfico/Diagramação: Ampuri Cunha, Reg. Prof. nº 2.177 DRT/PE
Assessoria Técnica: ADIPLAN - Assessoria, Planejamento e Pesquisa Fotolito e Impressão: Parque Gráfico do CEPE - Companhia Editora de Pernambuco - Fone: 421.4233
Apelo: PERNAMBUCO - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
Representação Jurídica: Centro de Arteeducação
As matérias assinadas não refletem necessariamente a opinião do jornal.
Tiragem: 10 mil exemplares.

PALMARES

O início de uma Grande História

Uma noite do ano de 1597, num engenho do sul de Pernambuco, quarenta escravos armados de foices e cacetes assassinaram seus senhores e toda a população livre da fazenda, saindo, em seguida, pela mata adentro, numa fuga coletiva e desesperada.

Havia poucas mulheres e velhos, algumas crianças e muitos negros fortes; todos imbuídos de coragem e esperança.

A caminhada foi na direção do sol poente, um pouco para baixo. Após duas horas, compreenderam que jamais algum deles tinha ido tão longe naquela terra estranha. A comitiva andou a noite toda e a manhã seguinte, descansando apenas quando o sol atingiu o auge. A trilha não foi fácil: penhascos, brejos, contornos, depressões, montanhas e

despenhadeiros.

Depois de mais uma noite, alcançaram um local muito alto, de onde era visto, perfeitamente, tudo ao redor, quem quer que viesse dos quatro cantos; lugar oportuno, solo fértil,

clima bom, água potável, cheio de palmeiras, muitas palmeiras, por todos os lados. Os índios observavam atentos, mas os recém-chegados não receariam qualquer medo deles. Depois da vigésima manhã, sem sombra de rastros, os negros se sentiram seguros. Não se



Serra da Borriga: berço de Palmares.

Foto: arquivo Djumbay

sabe, até hoje, com exatidão, em que ponto da Zona da Mata, entre as atuais cidades de Serinhaém-PE e Viçosa-AL, eles se estabeleceram.

Agora, o impasse estava na dúvida de ir adiante ou ficar naquele lugar convidativo, vivendo da colheita e da caça, de onde

dava para ver a fumaça branca dos engenhos do mundo do açúcar de onde escaparam e, mais cedo ou mais tarde, viria buscá-los. Aconteceu por volta

de 1602, cinco anos depois do massacre na fazenda, a primeira investida em busca dos "negros alevantados de Palmares". Um certo Bartolomeu Bezerra, ordenado pelo governador-geral, Dr. Diogo Botelho, reuniu oficiais, senhores de engenho, pretos forros, índios catequisados e brancos

pobres, numa marcha rumo aos fújos. O cobiçoso exército de tolos não considerou o fato de que os palmarinos eram poucos no meio de um deserto enorme, que eles já estavam conhecendo; bastava-lhes se embrenhar no mato e desaparecer nele. A expedição foi um fracasso; e mais de quarenta sucederam no decorrer de cem longos anos de guerra.

Por alguns anos, as autoridades se viram obrigadas, por motivos diversos, a esquecer aqueles negros envoltos de liberdade, coragem, força e artimanha. Estava-se iniciando ali o mais notável episódio da História Brasileira, o qual, infelizmente, não foi devidamente registrado nos nossos livros didáticos: "Os Quilombos dos Palmares".

(Continua no próximo número) Joel Rufino dos Santos.

Energia e Força do Daruê

"Chão de Estrelas" é o nome poético para um bairro pobre localizado na

comunidade da Campina do Barreto, periferia do grande Recife, que abriga uma parte da

história cultural negra, através do Centro Daruê Malungo.

Foi a partir da necessidade de alfabetizar grupos de capoeiristas em meados de 78, que nasceu o Daruê Malungo (que, em Yorubá, significa companheiros de luta), hoje na batalha educacional no Nordeste pela linha alternativa, que adapta as tradições culturais a um contexto não didático, no ensino de 1º e 2º graus, profissionalizando as 126 crianças de 7 aos 18 anos, cadastradas na comunidade, para serem os futuros artistas populares nas áreas da dança, música e arte.

O Centro Cultural Daruê

Malungo sobrevive através de pequenos projetos-piloto, junto ao Centro Luís Freire (ONG) e com o apoio da UNICEF, responsável pela elaboração e capacitação dos 08 professores que atuam na escola. "Trabalhamos o ser humano dentro da cultura afro-brasileira" explica o diretor do Centro, Gilson José de Santana, mais conhecido como "Meia-Noite", que desenvolve, nas crianças da comunidade, o gosto pela vivência popular, dissimulando o sincretismo religioso e complementando a conscientização através de debates sobre as questões sociais atuais, dentro das

atividades comemorativas que se dividem em 03 ciclos festivos anuais: Natal, Carnaval e São João.

Essa aprendizagem dos folguedos populares surgiu há 5 anos do espetáculo "Jogo da Dança", apresentado todos os sábados às 16h, na sede do Daruê Malungo. Lá, os alunos do Centro expõem um verdadeiro rodízio cultural, da ciranda ao maracatu. Vale a pena conferir.

Foto: Arquivo Djumbay



"A educação cultural do Daruê na arte de seus integrantes"

Contato:
Centro Cultural Daruê Malungo
Rua Passarela s/n
Campina do Barreto
Fone: 268.1298

ÀYATÒ ☉ Identifique-se

Desafio cultural

Pernambuco passa a viver uma nova fase cultural, ganhando espaço através da experiência de quem viveu as dificuldades da origem do reggae local e fez dessa história de luta, perseguição e discriminação um trabalho sério de divulgação musical: "A África Produções".

O primeiro evento requirido aconteceu no "Bar da Massa" e fez tanto sucesso que estimulou o surgimento de outros espaços originais como o "Bar do Reggae" e o extinto "African Bar", todos em Olinda. Desse último, nasce a idéia oficializada de uma produtora. "As pessoas que atuavam na África Produções já tinham trabalhos desenvolvidos na Universidade ou em movimentos com meninos de rua, mas havia uma necessidade de se fazer acontecer uma especialização do ponto de vista artístico, na produção do reggae, da música caribenha, de nossas raízes", relata Energia, um dos responsáveis pela Produtora.

Hoje a equipe conta com diversas pessoas agindo criativamente, interligadas na execução de tarefas que vão desde a planfagem nas ruas e bares à realização dos eventos. É nessas agitos que a África vem sempre inovando, dentro do contexto, as suas atividades. Efetivando o seu papel de Produtora do Reggae em Pernambuco, ela cumpriu mais uma etapa da sua batalha, trouxe para as Jadeiras de Olinda o "Bloco do Reggae", detonando o ritmo jamaicano em pleno carnaval/95. Deu o seu recado, provando que

festação de um povo diversificado em suas origens e tradições, que se expressam igualmente no maracatu, no bumba-meu-boi, no samba, no afoxé, no caboclinho, no coco de roda e, por que não, no reggae? Essentimo universal e contagiante que se expandiu com o seu

figura assídua nessa Caravana Cultural. No Estado de

os Dinamitadores, Reggai por Nós, Favela Reggae, entre outros, também fazem parte dessa

Caravana, guiada pela África Produções, que está só iniciando o seu percurso.

Mas nem tudo são flores na vida da Produtora. Há ainda muita dificuldade de veiculação da música no mercado fonográfico tradicional, e a venda dos discos fica restrita às lojas alternativas. "Apesar disso diversas empresas já perceberam que é viável hoje se investir no reggae, resistência cultural do nosso povo"; explica Energia.

Como vimos, determinação é a palavra-chave dos que fazem a África Produções, os quais estão decididos a segurar as ondas do reggae com toda a sua essência, doa a quem doer.

...Pernambuco não é só "Terra do Frevo", como muitos insistem intitulá-la, é também o espaço para os demais ritmos culturais aqui existentes...

Pernambuco não é só "Terra do Frevo", como muitos insistem intitulá-la, é também o espaço para os demais ritmos culturais aqui existentes, através da mani-

precursor Bob Marley e hoje, gradativamente, vem assumindo a sua dimensão graças a esforços como o de Energia, Afonso e Viviane, que coordenam os trabalhos na África Produções com garra e profissionalismo. E é a partir desse trabalho que trazem à tona novos valores e fortalecem os já existentes, com shows em nível nacional e internacional. O baiano Edson Gomes é

Produtora detém a exclusividade desse artista que vem contagiando pessoas de todas as gerações, independente de raça, credo ou tendências musicais; conquistando espaços como pagodes e forroterias. "Edson Gomes e a Banda Cão de Raça já têm presença confirmada em diversos locais do Estado até setembro/95"; afirma Afonso. Outros grupos como Natural Roots, Tribo de Jah, Dionorina e



Energia em entrevista ao Jumbô

Edson Gomes Cidadão do Reggae Brasileiro



Edson Gomes e a Resgate Fatal do Reggae nacional

"Sou descendente de escravos, cidadão brasileiro, antes de tudo descendente de escravos, não sei de que parte da África, porém, tenho plena consciência que, assim como o meu povo, luto por um melhor momento", afirma Edson Gomes, dessa maneira, a sua identificação negra que segundo ele, atinge o social e provoca mudanças de comportamento.

O cidadão brasileiro do reggae teve o seu primeiro contato com a música em 82, quando conheceu os trabalhos de Jimmy Cliff e Bob Marley, depois disso, lançou-se às experiências musicais próprias. "Hoje tenho consciência que faço um trabalho importante dentro da cultura nacional e mundial, um trabalho que vai além da cultura e atravessa barreiras", relata o cantor.

Com a banda "Cão de Raça", Edson retrata através do nome

escolhido, a discriminação sofrida como negro: "Somos tratados como cachorros, mas não entregamos os pontos; lutamos e lutaremos com dignidade". Com esse trabalho de resistência, a banda conquistou nas muitas estradas percorridas pelas cidades do Recôncavo Baiano, diversos fãs que os apelidaram de "Banda Marley".

Expandindo o seu Canto de reggaeman para todo o Brasil, Edson Gomes e a Cão de Raça chegaram a Recife trazidos pela África Produções e detonaram. Hoje as rádios tocam ininterruptamente suas músicas. Segundo a Rádio Escuta - o IBOPE das rádios - Edson Gomes ocupa os 1º e 2º lugares disparados nas 4 rádios mais ouvidas. Seus discos estão esgotados, chegando a bater recorde de vendas.

Para Gomes o sucesso é bem-vindo, mas não lhe sobe à cabeça. Com o reggae aliado à religiosidade, o grupo revive antigos sucessos e os adapta a novas melodias. O cantor revela que o seu próximo disco, "Resgate Fatal", a ser lançado em setembro, tem tudo a ver com a valorização da identidade perdida dos negro a partir da escravidão; aborda a causa negra e não se incomoda com o jogo de interesse que a mídia faz na veiculação dos modismos. "Não me interessa fazer coisas descartáveis, que dêem retorno rápido, faço por prazer, mesmo que muitas vezes não ganhe dinheiro". E complementa: "Todos nós devemos buscar a nossa identidade perdida que é como uma escravidão mal resolvida: a nossa característica é a nossa característica e não temos que imitar ninguém".

A religião Afro na Universidade

A Universidade, berço do estudo acadêmico, abre espaço para o diálogo religioso entre hare-krishna, protestantes, católicos, candomblecistas, umbandistas, entre outros, aproximando-se mais da realidade sócio-cultural do país, tão caracteristicamente diversificada.

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro é a pioneira em receber, cada vez mais, manifestações ligadas a temas espirituais, cujo campus universitário hoje, além de reunir estudantes e mestres, envolve-os em discussões

teóricas, aulas e teses.

Evangélicos entoam hinos de louvor, apresentam peças teatrais e anunciam o próximo encontro religioso com cartazes expostos nos murais dos vários institutos, o que assegura uma platéia formada

por pessoas de várias denominações protestantes.

Segundo Loka Sakshe Das, líder paulista hare krishna, a universidade deve estudar religião em todos os seus aspectos: éticos, morais, psicológicos, antropológicos, esotéricos; pois, não se pode separar a vida espiritual da material. Acrescenta ainda que: "não se encontram nas universidades, departamentos voltados para os estudos orientais, por exemplo; não se estuda uma das raízes mais

profundas da civilização humana. E a universidade perde, desta forma, o seu caráter universal."

Há, certamente, diferenças entre o tradicional comportamento acadêmico e o que se vê hoje na UERJ. Outro exemplo disso é o curso de Culinária dos orixás, ministrado pela professora Esmeralda de Freitas Maia, conhecida como Agesse, que frequenta a Casa de Santo de Mãe Lindinha de Oxum, em Villar dos Telles, na Baixada Fluminense - RJ. Filha

de Ossaim e Xangô Airá, Agesse ensina aulas práticas e teóricas de como preparar oferendas para os orixás e outras particularidades das comidas de santo. É muito comum a procura do curso por assistentes sociais, designers de moda, professores, telefonistas, escriturários, office-bays, em sua maioria ligados ao axé de algum terreiro de candomblé ou interessados pela cultura negra.

Adaptação do texto de Sandra Almada - jornalista

Memória da Nação Xambá é preservada

Considerada quase extinta, a Casa do Portão do Gelo, em Beberibe, é a última em Pernambuco que cultua os orixás no ritual Xambá. Para preservar, resgatar e reavaliar toda a história do Povo Xambá, o "Memorial Severina Paraíso da Silva" está em vias de ser concretizado se tiver maior apoio.

Trata-se do Memorial em homenagem a "Mãe Biu", yalorixá e cidadã negra, falecida em janeiro/93, que esteve por cerca de 50 anos à frente da Casa Xambá.

Como abordamos na edição nº 9 do Djumbay, o Me-

morial foi idealizado por Ivo de Xambá, filho de Mãe Biu que a sucedeu após seu falecimento, ficando o projeto a cargo de João Monteiro, Hildo Leal e Antônio Albino, que são filhos da Casa e profissionais da área de história com especializações em documentação e arquivo.

Hoje, o projeto está bem avançado e propõe a construção de um memorial que compreende: um Museu; um Centro de Referência (biblioteca) e um Arquivo Fotográfico que preservará, assim, a história de uma nação cuja origem, na África, ainda é desconhecida e que por força da coragem e resistência de mulheres como Mãe Biu resistiu

ao tempo e às perseguições.

A sede do Memorial fica numa área do próprio terreiro e é constituído por duas salas que abrigarão o Circuito do Museu, todo estruturado de acordo com as normas técnicas vigentes e outra sala que abrigará a Biblioteca e o Arquivo, abertos ao público. "Este trabalho conta com os esforços dos próprios filhos da Casa e as boas intenções dos que estão de fora", afirma Hildo Leal, um dos responsáveis pelo projeto, evidenciando, assim, a falta de apoio mais concreto de órgãos públicos e empresas. Na medida do possível, o Povo Xambá faz contribuições financeiras e doam sua força de trabalho para

levantar as paredes e reformar o espaço. O grande desafio é lançar o Memorial ainda esse ano, mas para que isso aconteça a entrada de recursos tem que extrapolar o humano e acontecer de fato.

Apesar das dificuldades, o Povo Xambá acredita na sensibilidade das autoridades oficiais e demais interessados e está aberto para as doações de livros sobre cultura negra em geral, material de construção, ou mesmo, contribuições financeiras.

A referência mais próxima que se tem da Casa Xambá é o Babalorixá Artur Rosendo que, fujido das perseguições contra os cultos afro-brasileiros, na

década de 20, em Alagoas, fundou algumas casas Xambá em Pernambuco, e dentre elas, a "Casa de Mãe Biu", aberta em 1928.

De 1939 a 1950 a Casa Xambá foi fechada devido à repressão aos cultos. No entanto, Mãe Biu manteve a tradição, mesmo a portas fechadas, possibilitando a sobrevivência da nação até os dias atuais. Por todo esse exemplo, não poderíamos deixar de associar Mãe Biu a outros grandes heróis e heroínas da nossa história que, anonimamente, garantem a continuidade e sobrevivência de um povo que persiste na caminhada rumo à verdadeira libertação.

Comprove o que o Jornalismo, a Publicidade, a Computação Gráfica e a Infopublis podem fazer por você.

Redação
Edição
Revisão
Composição
Diagramação
Arte-final
Ilustração
Jornais
Livros

Revistas
Publicações
Balanços
Atas
Convocações
Programação
Folha de Pagamento
Contabilidade
Manutenção Preventiva

**info
PUBLIS**

publicações e publicidades Ltda

Rua Paula Botelho, 767 - Galeria Ferraz de
Alves - 1ª. and. - 5103 - Casa Amarela
Recife/PE -

Fone: 268.2764

ASÒYÉ, ÈNIA DÚDU ◊ **Fala Negritude**

O Reggae africano de Alpha Blondy

Alpha Blondy é o seu verdadeiro nome. Africano, há 41 anos nascido na província de Dimbroka, na Costa do Marfim - África Ocidental - esse polêmico propagador do Reggae no mundo, tem 7 filhas dos quais 3 são adotados. Criado por pais muçulmanos e sensibilizado pelo Cristianismo, Alpha Blondy recusa rótulos e diz acreditar em Deus, presente em cada ser vivente. Em sua primeira turnê pela América do Sul, Blondy também veio ao Brasil, onde se apresentou em Salvador, São Paulo e Rio de Janeiro. No último dia 15/04/95, ele se apresentou no Gaibu Praia Show, há uma hora de Recife.

O público pernambucano teve o privilégio de curtir o show de um dos maiores nomes do reggae mundial na atualidade, embora nem tudo tenha saído às mil maravilhas nos bastidores. Acompanhado da banda "The Solar System", ele veio lançar por aqui o disco "DIEU", trabalho de 1994 onde o carro-chefe "La Guerre" (versão de "The War", gravada por Marley) promete estourar seguindo os passos dos discos anteriores "JERUSALEM" e "MASADA", ganhadores de vários discos de ouro. Uma noite antes do show em Gaibu, Blondy recebeu o Jornal Djumbay. Muito observador e atencioso, mostrou o pé direito enfiado, resultado de uma torção durante o show no Rio e se dispôs a conversar o noite inteira. Aqui vão alguns trechos desse bate-papo com este admirado reggaeman:

DJUMBAY: Como o público brasileiro recebeu "DIEU"?
ALPHA BLONDY: Fiquei realmente surpreso com a receptividade. Foi muito positiva. Estou adorando a turnê e não imaginava que tivesse tantos fãs aqui no Brasil. A reação do público foi muito calorosa para um povo que não fala língua africana. Foi surpreendente ouvi-los cantar em "mandingo" ou em francês.

DJ: Você e a Banda The Solar System tocam Reggae com temas sócio-políticos e espirituais. Você é otimista com relação às mudanças que precisamos acontecer no mundo para transformar a realidade porque passamos enquanto Povo?
AB: Eu sou muito otimista porque eu não acredito no homem, eu acredito em Deus. O que é chamado "homem" aos meus olhos é Deus. Quando se tem essa visão, o racismo é apenas uma tentação, um desafio, um teste diário.

DJ: Você acha que poderemos passar nesse teste?

AB: Particularmente, às vezes consigo, às vezes não. A luta que eu travo não é contra as pessoas, é contra mim mesmo. Quando eu for bem sucedido na minha auto-educação para encerrar as tentações raciais e a discriminação, então serei um homem completo. Mas não é fácil. Eu acho que o Todo-Poderoso se disfarça em homem, mulher, preto ou branco. Com esta visão eu me tornei otimista.

DJ: Você segue alguma religião específica?

AB: Sim, a minha religião é Deus. Eu recuso rótulos porque eles sempre trazem problemas. Fui criado por pais muçulmanos, mas não sou de acordo com os muçulmanos fundamentalistas. Do Ayatolá

Khomeini até o Sadam Hussein você só ouve falar em Guerra Santa. Guerra não pode ser uma coisa santa, não importa como queiram explicar. Como eu já lhe disse, o

que chamam de homem pra mim é Deus, então, se você vê Deus como eu o vejo, não se tem o direito de falar em guerra santa. É como matar Deus em nome de Deus. Eu não vejo preto, eu não vejo branco, eu vejo Deus no homem. Todos somos deuses, não posso separar essa realidade divina. E Deus não é fãcia, Deus não é coisa abstrata. Deus é real, é concreto. E isso eu descubro a cada dia que traz algo novo, que também traz coisas velhas que são novas pra mim.

DJ: Que visão você tinha do Brasil antes de vir pra cá?
AB: Antes de chegar aqui eu pensei que o Brasil fosse um país de terceiro mundo, com futebol, carnaval, café e uma estátua no alto de um morro no Rio de Janeiro e garotas bonitas dançando samba. Mas eu estava completamente errado porque pra mim o Brasil não é um país

de terceiro mundo. É um país desenvolvido. Eu venho de um país subdesenvolvido e sei o que é viver num país assim. Quando você vê o

Mas conheço os guetos da África, já vi os guetos da Jamaica. Todo país por mais rico tem pessoas pobres. O Brasil é um país abençoado e gostaria que os brasileiros soubessem que talvez não tenham percebido o grau de desenvolvimento que já alcançaram. Não focalizem o pensamento na miséria. A miséria pode ser curada. É uma questão de tempo, paciência e coragem.

DJ: Este ano foi comemorado em todo o mundo os 50 anos de Bob Marley, como você lida com datas que lembram fatos ou pessoas?

AB: Todos os anos desde que Bob Marley morreu, nós comemoramos na Costa do

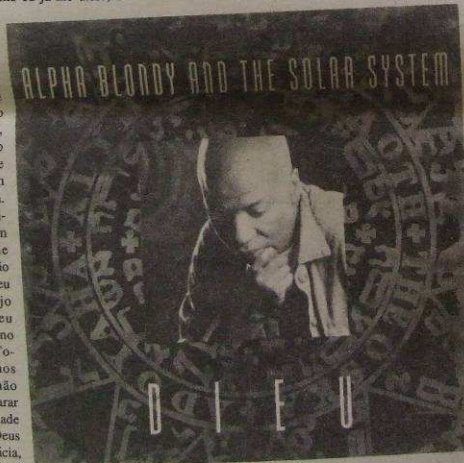
Marfim. Para nós, africanos, Bob foi o homem não vinculado à política que mais fez pela África. Ele foi alguém que nos deu coragem para o futuro, falando sobre Sião (a Terra Prometida), sobre a União Africana. Toda a juventude escutou as palavras de Bob. Para mim, ouvir uma música dele, é celebrá-lo.

Nós o celebramos a toda hora. Ele era a própria voz do sangue cantando. E o sangue que é vermelho, não tem tribo, raça ou origem específica. E foi esta grande lição que Bob me ensinou: ouvir a voz do sangue de cada ser e não apenas observar com os olhos. Acho que ele foi o último profeta, embora muita gente tente esconder sua mensagem atrás da fumaça da ganja.

DJ: Qual sua opinião sobre o uso da ganja?
AB: As pessoas tentam associar o reggae às drogas e isso não é justo! Porque associar o reggae como a

música dos fumantes de maconha? Isso não é verdade! Você não precisa fumar para tocar reggae, nem precisa ser rasta para tocar reggae. O reggae é a linguagem universal que pessoas de qualquer sociedade podem expressar, porque toda sociedade tem pobres e tem pessoas que acreditam em Deus. Eu já fumei. Hoje não fumo mais. A droga é um dos meios que o sistema utiliza para nos matarmos uns aos outros. Quem não bebe, fuma; quem não fuma, cheira; quem não cheira, se injeta; outros roubam. O povo precisa de trabalho. Uma das maiores razões da delinqüência juvenil é o desemprego dos pais e quando eles não têm condição, não têm autoridade sobre os filhos. O reggae não é patrocinado pela ganja, nem patrocinamos negócios de ganja. Legalizar a ganja não é da alçada dos rastas ou dos reggaemen, é da alçada da lei e dos cientistas.

DJ: Que mensagem você deixaria para os(as) afro-brasileiros(as)?
AB: Meus fãs, espero que entendam que tudo o que eu digo é minha opinião pessoal. Gostaria de dizer àqueles que estão indo à escola que parem de fumar erva porque nós precisamos do seu cérebro sadio para que a educação seja introduzida. Queremos fazer de vocês médicos, engenheiros, dentistas, cientistas. Meus irmãos e irmãs, vocês são Deus e Deus não tem cor. Entendem? Vocês têm que se educar e parar de chorar sobre a escravidão. Vamos falar sobre o amanhã, sobre o futuro. Não se envolvam com coisas que vão lhes levar para trás, que atraiam seus passos. Não percam o seu cérebro. A sua mente é o seu sustento. É o que vai lhe ajudar a construir uma casa para sua mãe. É o que vai lhe ajudar a construir um hospital para os irmãos que estão nas favelas. Por favor, sejam úteis para o seu povo e para você mesmo. Vamos nos educar. Educação é o remédio. Educação é o primeiro tópico. Mas há uma coisa a fazer que é muito difícil, que é perder. A nossa ferida é o combustível que vai nos fazer crescer, que vai nos fazer prosseguir e ir em frente. O nosso parquinho é o tempo. Vamos nos equipar para a corrida. Alguns tentam com a violência ou discursos duros como atalaia. O caminho é longo. Como Bob dizia: "Vamos emancipar a nós mesmos da escravidão mental".



trabalho que é feito aqui é como se eu estivesse num paraíso escondido. É esse o sentimento que tenho.

DJ: Você teve tempo de observar a condição do nosso Povo?

AB: Escrevi-se tanto sobre as favelas, a pobreza, a miséria e eu nunca imaginei São Paulo do jeito que é, com tantos arranha-céus. O Rio é uma cidade linda, um sonho. Sobrevoei Recife, desembarquei num aeroporto internacional, há eletricidade por todos os lugares. O que vi não é um país pobre. Realmente eu não fui às favelas.

IRONÚ Baseado

Faxina étnica à brasileira

Juarez Tadeu

Os meios de comunicação mundial resgatam dos arquivos jornalísticos um termo há muito engavetado: Faxina Étnica, os recentes acontecimentos registrados no mundo ressuscitaram o termo, as atrocidades modernas, reeditaram-no.

No século passado, no Brasil, a faxina étnica era um tema frequente nos jornais e textos "científicos" publicados. A intelectualidade nacional produziu ensaios em cima de ensaios sobre o tema. Dados ultrapassados, números, teorias e justificativas foram despejados no magro mercado editorial brasileiro, abordando o tema da limpeza racial do país. A partir da segunda metade do século passado, os escravocratas brasileiros adotaram a Faxina Étnica como política do Estado.

O delírio das classes dominantes do país eram abaladas pelas recentes teorias racistas que desembarcavam da Europa. Decadentes em outros países, o Darwinismo social, a Antropologia Criminal e a Eugenia foram adotadas como a ciência moderna. No fim do século passado elas esculpiram o pensamento político e social dos setores dominantes que ainda dirigiam o país.

O sonho dos escravocratas era tornar o Brasil um país branco. Obcecados pela ideia, os escravocratas da época rabiscaram um diagrama que eles traziam guardados nos bolsos de seus fraques. O diagrama continha a evolução populacional/racial pre-tendida pelos dirigentes nacionais.

O diagrama racial foi elaborado com base nos números estatísticos produzidos entre 1872 e 1890. Nele previa-se que até 2012, o Brasil

eliminar sua população negra e mestiça. A população indígena seria reduzida a uma fração residual. A população branca seria "a suprema população brasileira".

Os fatos conspiravam contra a população não-branca do país. Dois fatores ocorridos no final do século passado alteraram sensivelmente a demografia racial do Brasil: os altos níveis de mortalidade registrados entre a

população negra (Guerra do Paraguai, epidemias variadas, redução da vida útil dos escravos, genocídios de Canudos) e a imigração: de 1850 a 1930 segundo dados estatísticos do próprio governo, cerca de três milhões de imigrantes brancos entraram no país.

O ano de 1850 é fundamental para se conhecer a realidade do negro hoje. Nesse período criam-se as bases de todos os problemas estruturais do país e do racismo à brasileira: modificações capitalistas sobre a posse de terra, intensificação da imigração, fim do tráfico de escravos, transferência da luta abolicionista dos quilombos para parlamento, início da abolição lenta, gradual, restrita e sobre absoluto controle das classes dominantes. Os resultados desse processo foram

| Ano | Branços | Negros | Índios | Mestiços |
|------|---------|--------|--------|----------|
| 1872 | 30,1 | 16,5 | 7 | 38,4 |
| 1890 | 44,1 | 12 | 12 | 32 |
| 1912 | 50 | 9 | 13 | 28 |
| 2012 | 80 | 0 | 17 | 3 |

trágicos para população negra e seus descendentes. Hoje, eles habitam o subterrâneo da sociedade brasileira.

Reatualizados, os sonhos de Brasil branco ainda embalam os projetos dos dirigentes do país. Os cálculos do passado foram remanejados, os métodos editados.

Em 1989 a Escola Superior de Guerra, centro "pensante" das classes dominantes brasileiras, produziu um calhamaço intitulado "1990-2001 a década vital para um Brasil Moderno e Democrático".

Nele os estrategistas dos

| | | |
|------|------------|---------------------------|
| 1976 | 20 MILHÕES | Ministério da Ação Social |
| 1980 | 30 MILHÕES | CPI - Câmara Federal |
| 1990 | 40 MILHÕES | CPI - Câmara Federal |

bisnetos, netos e filhos dos escravocratas do passado avaliavam que os pobres colocavam em risco seus projetos econômicos, políticos e sociais.

No capítulo sobre a segurança, eles propunham a convocação das Forças Armadas, Exército, Marinha e Aeronáutica para cercar e neutralizar a "horda de bandidos", representada por crianças de rua e moradores das favelas brasileiras. O Rio de Janeiro é o laboratório experimental dessas teorias, os morros estão cercados. A população negra ficou enclausurada. O apartheid sócio/racial sonhado pelo prefeito César Maia realizou-se. O Exército é o cordão sanitário que isola os negros nos morros cariocas.

O racismo moderno é a execução física da população negra e dos seus descendentes. Essa execução é comprovada por todos os dados estatísticos produzidos nos últimos anos. O extermínio é institucional (esterilização em massa de mulheres negras, mortes por doenças banais, miserabilidade ascendente, violência policial) e extra-institucional (ação dos grupos de extermínio que executam jovens negros nas periferias das grandes cidades).

No Brasil há uma guerra civil surda, não declarada. No país há a execução sumária e extra judicial das populações pobres e negras.

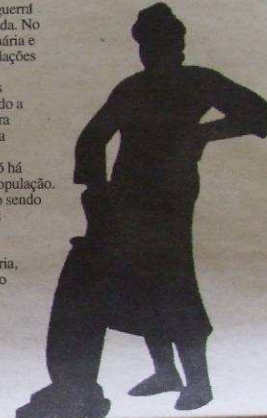
A soma de todas as violências têm eliminado a população pobre e negra como "flores pisadas na lama". Na nova ordem mundial arquitetada, só há lugares para 20% da população. Os 80% restantes estão sendo arrastados para lixeiras humanas, onde serão eliminados pela conjugação da fome, miséria, violência poli-cial, ação

dos grupos de extermínio e violência institucional do Estado. A tarefa fundamental do Movimento Social de

Negros na atualidade é quebrar essa lógica imposta pelo círculo vicioso da morte e substituí-la pelo círculo virtuoso

da vida.

O Movimento de Negritude que varreu o mundo no início deste século deixou uma estratégia importantíssima que precisa ser reeditada pelas gerações futuras; para dar eficiência às suas lutas antirracistas, os negros e seus descendentes precisam conhecer duas ciências fundamentais nas sociedades contemporâneas: a política e a economia. Nas dobras dessas duas ciências ocultam-se as engrenagens das rodas que movem o extermínio. Em outras palavras, as lutas específicas da população negra e seus descendentes devem estar



amarradas às lutas políticas e econômicas que movem a sociedade. Assim, a luta pela titulação das terras remanescentes de quilombos dar-se-á atada à luta pelo fim da concentração de renda, cultura e poder nas mãos de uma ínfima minoria fundamentalmente branca.

O Tricentenário da "Imortalidade" de Zumbi dos Palmares abre uma possibilidade estimulante para a população negra atualizar as lições do Movimento de Negritude.

Essa estratégia pode ser reeditada pela ponta da lança de Ogum. Na luta, sob o hábito quente e metálico do campo de batalhas.

Juarez Tadeu é jornalista e Coordenador Nacional da UNEGRO - União de negros pela Igualdade.

Jornalista no Corredor da Morte

O jornalista e militante negro norte-americano, Wesley Cook, 40 anos de idade, profissionalmente conhecido pelo nome de Mumia Abu-Jamal, tem os seus dias contados na Prisão Estadual Huntingdon, Estado da Pensilvânia. Acusado de ter assassinado um policial branco, na madrugada de 9 de dezembro de 1981, no centro da cidade de Filadélfia, ele acabou sentenciado com uma pena capital, o que significa morrer na cadeira elétrica.

Desde que foi acusado e condenado pela morte do policial Danny Faulkner por um júri constituído de brancos segregacionistas, Abu-Jamal tenta provar que está sendo vítima do racismo norte-americano. Por isso deu entrada no pedido de apelação junto à Suprema Corte de Justiça, numa tentativa de provar sua inocência, mas segundo informou o "Spartacist League" o pedido ainda não foi aceito. Dessa forma, o que prevalece é sua sentença de morte, podendo ser executado a qualquer

momento, antes mesmo de ser julgado novamente.

Campanha Internacional

Em vários países, as instituições de direitos humanos e as da sociedade civil que são contra a pena de morte continuam organizando protestos e colhendo assinaturas como parte da Campanha Internacional para salvar o jornalista Abu-Jamal da cadeira elétrica. Grandes personalidades da política, do show business e artes em geral estão aderindo a essa campanha coordenada pelo Partisan Defense Committee dos Estados Unidos. Jornais da Alemanha,

Austrália, Bélgica, França, Inglaterra e México têm divulgado com frequência o caso de Abu-Jamal. Apesar da pressão internacional, a justiça norte-americana continua negando o pedido de apelação para um novo julgamento.

A Associação de Jornalistas Negros da Filadélfia argumentou que a condenação de Mumia Abu-Jamal é de natureza política devido à sua histórica militância no Partido Pantera Negra e por sua atuação como radialista quando era considerado como "A voz dos sem vozes". Foi sempre um ativista imbatível arriscando a própria vida por denunciar as injustiças sociais sofridas pela maioria oprimida de negros e operários em geral. Protestou contra a temível organização racista, na Filadélfia, conhecida como "Ku Klux Klan".

Abu-Jamal foi presidente da Associação dos Jornalistas Negros em 1980, onde até hoje é admirado pela sua coragem e inteligência. Entre os 2.842 homens e mulheres esperando a morte na cadeira elétrica dos Estados Unidos, é um comunicador que, mesmo na condição de condenado, vem lutando contra as perseguições

feitas no sentido de impedi-lo a continuar vivendo. Vítima da própria justiça de seu país.

Somente um novo julgamento poderá salvar o jornalista Mumia Abu-Jamal da cadeira elétrica e até mesmo absolvê-lo, uma vez que sejam ouvidas as suas testemunhas que o viram aproximar-se do local onde estava sendo espancado o seu irmão William Cook por um policial. A versão verdadeira do momento em que sucedeu o tiroteio, deixando o jornalista gravemente ferido com uma bala no peito ao lado do corpo de Danny Faulkner tem que ser elucidada. Além de ser assegurado ao detendo o direito de constituir um advogado de defesa de sua própria confiança.

Um dado preocupante na conjuntura política atual diz respeito à posse do governador Tom Ridge no último dia 17 de janeiro, substituindo Robert Casey, que teve como plataforma da campanha ser rígido com o crime e promover a pena de morte.

Segundo a avaliação do Partisan Defense Committee, dentro da política americana "ser rígido com o crime" é um código racista para exterminar as pessoas



negras.

Quem desejar participar da Campanha Internacional "Salve a Vida do Jornalista Mumia Abu-Jamal" - Pelo Fim da Pena de Morte Racista! poderá enviar cartas/telegramas para:

Governor Tom Ridge
Main Capital Building, Room 255
Harrisburg, PA 17120
USA
Maiores informações:
Fórum da Campanha "Salve a Vida do Jornalista Mumia Abu-Jamal":
SCS - Qd. 02 - Bl. C - Ed. Goiás, sala 415
Brasília - DF
CEP 70300-500



Foto: Arquivo CPENEA

Senadora Benedita apóia Abu-Jamal

Mumia Abu-Jamal representa a verdadeira essência da pena de morte. Expõe não apenas a barbárie e crueldade arbitrária dessa

"A história de Mumia reflete a história de uma geração de militantes negros que teve início no movimento pró-direitos civis. Antigo militante e um dos fundadores do Panteras negras, tem dedicado sua vida aos direitos dos oprimidos e contra a segregação racial que impera nos Estados Unidos. O caso de

forma extrema de terror patrocinado pelo Estado, como também representa o racismo inerente à sua aplicação. Nos Estados Unidos e na África do Sul, a pena capital é um legado de subjugação racial que priva dos direitos mais fundamentais populações inteiras. Mas na África do Sul o Governo Nelson Mandela está enviando ao

Parlamento uma proposta legislativa, abolindo a pena de morte naquele país.

Estudos apontam que esta punição é um inegável instrumento racista. Segundo estimativa do Jornal Folha de São Paulo de 13/01/93 sobre a pena de morte nos Estados Unidos, das 189 pessoas executadas de 1976 até aquele ano (1993), só uma pessoa branca era acusada de assassinar outra negra e 31 pessoas negras foram acusadas de matar brancos. Acusados de matar brancos têm quatro vezes mais chances de receber a pena capital. Réus brancos, de classe média, raramente são apenados.

Dos 189 executados, 74 eram negros, o que corresponde a 39,1% do total. Entre os que estão condenados, à espera de execução, a percentagem também é de 39% de negros. A metade dos sentenciados são negros e latinos. Na Pensilvânia, a grande maioria dos que esperam a morte na prisão como Mumia, são negros. Apenas um detalhe: os negros representam 12% do conjunto da população norte-americana.

As estatísticas falam por si, atenuando que a pena de morte nos Estados Unidos segue um padrão inquestionável de racismo. Além do mais, a condenação de Mumia Abu-

Jamal teve como base mais sua militância política contra o segregacionismo e suas concepções ideológicas, uma vez que sempre apresentou uma ameaça e sempre incomodou as autoridades daquele país, por sua postura aguerrida. Por essa razão, conclamamos os brasileiros a se engajarem na campanha internacional contra a pena de morte de Mumia Abu-Jamal, solidários às pessoas em todo o mundo que se manifestam contra essa execução e contribuindo para que salvemos sua vida."

Benedita da Silva -
Senadora (PT-RJ)

ITÓSONA Roteiro

MOVIMENTANDO A NEGRADA

15/abril - 22h - Alpha Blondy pela primeira vez em pernambuco, no Gaúbo Praia Show, em Gaúbo - PE

28/abril - 18h - KIZOMBA NJINGA -ZUMBI Show "ARRASTEEN", com Ednaldo Lima e Banda Ketu Maracatê Nação Pernambuco, apresentando síntese do espetáculo "BATUQUE DA NAÇÃO", na Praça do Carmo - Recife

29/abril - 21h - Lançamento do cântaz e jornal da Campasha 300 anos de Zumbi do Fórum de Entidades Negras de Sergipe na Festa "A Mais Negra das Noites", com a participação do Afonê Ylé de Egbá, de Recife; Bandas Odá Odara e Unidos do Quilombo, de Sergipe e o reggaeman Dsonorina, da Bahia. No Espaço Cultural Gonzagão - Aracaju - SE

11/maio - 9h - Mostra de Vídeo - Debates "Realidades Negras", no auditório do SINTEPE - Sindicato dos Trabalhadores em educação do estado de Pernambuco, com o tema: Realidades Negras - uma perspectiva para a educação

12/maio - 16h - Lançamento da fita K-7 "Câmbio Negro", de Adelmo dos Passos. Muito reggae, xote e maracatu. Aberto ao público, no Paço externo Nelson ferreira, da Casa da Cultura de Pernambuco

13 e 14/maio/95 - Festival de Arte e Cultura Negra em Laranjeiras - SE. Seminário Gênero, Raça e Cidadania, com a participação do Psicólogo e estúdio da Cultura Negra e integrante do conselho deliberativo da Djumbay - Lepê Correia

13 e 16/maio/95 - II Simpósio Nacional sobre os Quilombos dos Palmares. Coordenação geral: Zézito de Araújo/Solange Veigas/ Lourdes Lima - Universidade Federal de Alagoas.

14/maio - 18h - Retomada da "Folia Real", do Maracatu Nação Pernambuco, no Mercado Eufrásio Barbosa - Varadouro, Olinda, ficando sempre no segundo domingo de cada mês

15/maio - 20h - Aniversário de 4 anos da SOWETO - Organização Negra, na

SOWETO - Afro-Reggae-Dance, em São Paulo.

26/maio - 18h - Kizomba Njinga-Zumbi, na Praça do Carmo, em Recife. Programação: "Negros" - Desfile de moda com 20 manequins negros (as), sob a coordenação de Itamira Andrade com roupas de Jil Norberto. Ivano e Banda Rebelião, mostrando as canções do 1º LP "Rebelião e Dança" e o Quinteto Violado dando um show de musicalidade regional

30/maio/95 - De 9 às 18h - O Museu da Abolição promove o evento: "Abolição e Resistência Negra", Debate com Roberto Motta, Manoel do Nascimento Costa (Papai), Ubiracy Ferreira e Prof. Bert (UFPE). Haverá também feira de livros, exposição de caricaturas, vídeos e apresentação de danças afro-brasileiras com o BACNARÉ

9/junho - 21h - estreia do espetáculo "Navio Negroiro", de Paulo Ferreira, encenado pelo Grupo Gêmeo Slossa, no Teatro do Parque. Participação do grupo de danças Darvê Malungo. Vale a pena conferir

12 de junho - 19h - Reunião do FENEPE - Fórum de Entidades Negras de Pernambuco - na sede da Djumbay. Sempre na 2ª feira, da segunda semana de cada mês

13 e 29/junho - 18h - Côco de Roda na sede da Nação do Maracatu Elefante

18/junho - 16 às 20h - Festa de Xangô, na Casa Xambá - Portão do Gelo, Beberibe

16h - No Mercado Eufrásio Barbosa, Marcelo Santana e o Bando do Reggae com a participação do Grupo de Rap Mira Negra

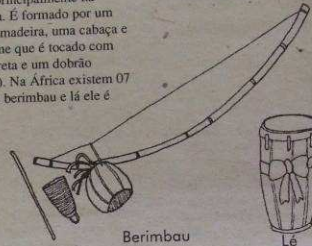
24/junho - 18h - Bandeira de São João - Saída do Sítio de Pai Adão para a Nação do Maracatu Elefante. O Sítio de Pai Adão fica na Estrada Velha de Água Fria, 1644 - Água Fria e o Maracatu Elefante fica na Rua Riolândia, 504 - Bomba do Hemeitério.

IDÁNILÁRAYÁ Negritude Lúdica

Estes instrumentos são de origem africana. São para você colorir. Identifique quem é quem e veja para que servem

Berimbau

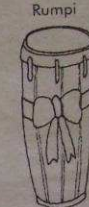
Usado principalmente na capoeira. É formado por um arco de madeira, uma cabaça e um arame que é tocado com uma vareta e um dobrão (moeda). Na África existem 07 tipos de berimbau e lá ele é



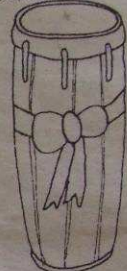
Berimbau



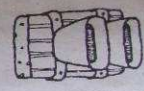
Lé



Rumpi



Rum



Agogô

conhecido como gungo. No Brasil só foi difundido esse tipo.

Rum, rumpi e lé

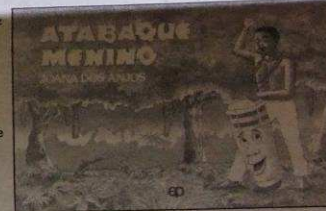
Tambores sagrados utilizados nas festas religiosas do candomblé, tocados por pessoas pertencentes ao culto chamados alabês que sabem como tirar de cada atabaque sons específicos para se comunicar com os ancestrais (orixás).

Sugestão de Leitura

A autora Joana dos Anjos narra a amizade entre um garoto brasileiro e um atabaque africano que, através do canto, repassam os origens da história do Povo Negro, relacionando Zumbi e os Quilombos dos Palmares com a resistência negra de hoje.

O livro custa apenas R\$ 2,00, contém 22 páginas com

ilustrações coloridas e faz parte da coleção "Fazenda História", das Edições Paulinas. Pode ser adquirido na sede da Djumbay.



A Cultura Negra é rica em exemplos de resistência. Na religião, na música, na culinária, na dança, no linguajar, encontramos a forte influência africana. Sabemos que você é capaz de encontrar, no caçapalavras ao lado, palavras do cotidiano do povo negro brasileiro:

- Orixá
- Zumbi
- Palmares
- Tambor
- Maracatu
- Feijoado
- Quilombo
- Dandara
- Mandinga
- Yoruba

A F R A C T O P C P S P B
T G O R I X A D A Y X P T
I V F T U Q U I L O M B O
Z I E A N R H U M S T R H
A O I J D E X T A M B O R
C A J O A G A B R H E R O
E B D O Z M G M E I K G N
Z M A N D I N G A E F U I
U I N E L B O L S T H K B
M O D A D X Y C X H T I T
B V A T H W U Y O R U B A
I O R M A R A C A T U O N
A P A L M A R E S K N F O
B C J A N G F G K N D G I

ALÁGBÀSO ➤ Outros Axés

ZAB Viva a escola alternativa

Tereza (centro) e as companheiras da ZAB



A liberdade na educação personaliza e faz crescer, igualmente, seres diferentes, porém em interação no universo que os cerca e conduz.

ZAB é uma escola que está inserida no contexto da educação alternativa, que tenta ir além da tradicional. Com uma outra opção de ensino, ela favorece ao aluno, o desenvolvimento da sua sensibilidade e individualidade, a partir do respeito às diferenças do outro, num processo de integração valorizada. A escola já existe há 4 anos. Fica situada no Bairro Novo, em Olinda e foi uma idéia das sócias: Tereza França (foto), Sandra Silva, Ilda Pereira e Conceição

(foto) que, articuladas entre si, desenvolvem na Linha Construtiva, um trabalho criativo e cultural; estimulando, entre outros fatores, a expressão corporal da criança associada ao ensino e à vivência da cultura popular. É natural, por exemplo, você se deparar com alunos do pré-escolar aprendendo capoeira, atividade saudável que ainda é negligenciada na rede oficial de ensino.

A participação dos pais de alunos é presença ativa nos acontecimentos da ZAB, a maior parte deles trabalham em ONGS ou movimentos populares e contribuem como podem no envio de materiais de apoio para o desenvolvimento das atividades culturais da escola.

Para quem sonha com uma sociedade alternativa, o espaço já foi aberto. Vale a pena conferir!

Questão racial nos sindicatos

Discutir, reivindicar e organizar propostas e encaminhamentos da luta a respeito da questão racial dentro das Centrais Sindicais, forma os objetivos da "1ª Conferência Sindical Interamericana pela Igualdade Racial", organizada pelas Centrais Sindicais Brasileiras, em novembro de 1994, na cidade de Salvador.

A DJUMBAY esteve presente enquanto Imprensa Negra e foi com grande surpresa que sentiu a ausência de outros jornais afro e representatividade sindical do nosso estado; justo num momento como este, de suma importância para a estruturação das questões traba-

listas e raciais, no qual se discutiu propostas de inserção da temática negra como mais um item de luta dentro das centrais sindicais, trabalhando contra as desigualdades raciais e de gênero, reavaliando a história da resistência negra com leis adequadas à realidade racial no mundo.

Além das três Centrais Sindicais Brasileiras, a Conferência contou com a participação de grandes centrais sindicais internacionais como a COSATU - da África do Sul e a FLCIO - dos Estados Unidos.

Nos dias 10 e 11 de maio aconteceu o Seminário de Sindicatistas Negros da CUT.

O SOM QUE VEM DO BARRO

A água, a terra, o fogo e o ar são os quatro elementos básicos da natureza que juntos expressam a musicalidade, através dos contornos da ocarina, um instrumento musical de origem africana, confeccionado com barro e que emite um som semelhante ao da flauta. O responsável pela propagação musical desse instrumento é o oleiro e músico, Agnaldo Silva ou Mestre Nado, como é chamado pelos artistas e amigos mais próximos.

Mestre Nado iniciou sua pesquisa quando, ocasionalmente, após modelar e fazer orifícios numa bola de barro oca, soprou-a e neste momento descobriu que ela emitia sons harmoniosos e interessantes; foi quando deu início à sua excursão experimental" com sons e formas extraídos do barro. Mas a confirmação só se deu alguns anos depois, quando o Mestre já tocava músicas

Fotos: Arquivo Djumbay



Mestre Nado (centro): da intimidade como barro, nasce a magia do som

além de tratar questões a nível estadual, incorpora-se à luta nacional pela valorização do magistério, envolvendo ainda a implantação do Piso Salarial Profissional Nacional e Plano de Cargos e Salários. Mas, para o

apresentando em diversos espaços culturais da nossa região.

Quem desejar conhecer de perto a simplicidade e ternura de Mestre Nado e o seu mundo de barro e beleza, é só dar uma chegadoinha na Oficina de modelagem, torno e confecção de instrumentos, do espaço cultural Querubim, situado à Rua Misericórdia, 155 - Alto da Sé, Olinda-PE.

A EDUCAÇÃO NO CENTRO DAS ATENÇÕES



Campanha Salarial Educacional '95

SINTEPE CNÉ CUT

Esse é o tema da Campanha Salarial de educação dos trabalhadores em educação de Pernambuco - SINTEPE, lançada no dia 5 de abril, no auditório da sede, situada à rua General José Simeão, 39 - Santo Amaro, com a presença de diversas entidades dos movimentos sindical, popular e estudantil.

No dia 11 de abril, foi entregue ao Governo do estado a pauta de reivindicações da categoria, com a realização de um ato público e passeata até o palácio do governo. A campanha

bom desenvolvimento e conclusão desta campanha, é indispensável a participação da categoria, pois, intensificar a mobilização é a palavra de ordem do SINTEPE. (Fones: 421 3883 e 222 2533).

REAVALIANDO A EDUCAÇÃO

Dentro da programação da semana da Campanha Salarial de Educação/95, o SINTEPE realizou no dia 11/maio, a mostra de vídeo-debate "Realidades Negras", ressaltando o papel do educador frente à realidade da criança negra na sala de aula.

Atualmente os segmentos sociais já passam a integrar a temática racial às suas discussões, compreendendo que essa luta também pertence a eles. A reivindicação por democracia e qualidade de vida passa, sem dúvida, pela questão racial, ainda mais quando se trata de professores os quais têm o compromisso de complementar a educação doméstica da criança e do adolescente, respeitando a diversidade de origem étnica existente no universo escolar.

O debate foi coordenado pela direção do SINTEPE tendo como debatedoras convidadas: Verônica Gomes e Gláucia Maria, da DJUMBAY e Graça Elenice, do CENTRO DE ARTE E CULTURA AFRO-CAMARÁS. Contando com a presença satisfatória da categoria, o debate foi ilustrado pelo vídeo "Retrato em Preto e Branco", de Joel Zito Araújo e possibilitou o levantamento de muitas questionamentos, revelando a grande necessidade que os educadores têm de discutir e trabalhar com material específico que trate da causa negra sem máscaras.

O SINTEPE dará continuidade aos debates, mantendo uma seqüência de acompanhamento, convidando outros segmentos da comunidade negra para estimular as discussões.

Casa de Negros

Trata-se da Morehouse College, uma universidade americana dirigida por negros que surgiu da ideia inicial de ensinar ex-escravos a ler e escrever e que hoje se destaca entre as melhores, pela sua competência e alto nível de formação acadêmica, demonstrando a capacidade de organização e criatividade dos afro-americanos, abrindo novos espaços e derrubando barreiras discriminatórias.

A Morehouse é aberta a povos de todas as raças e tem o orgulho de constar no currículo de muita gente famosa, como o líder negro Martin Luther King Jr.; o ator Spike Lee e tantos outros. A universidade fica localizada em Atlanta (Georgia-EUA) e

oferece diversos cursos nas áreas de ciências humanas e exatas, complementados com seminários, pesquisas, debates, palestras; com participação assídua de integrantes negros da sociedade americana dando depoimentos sobre suas conquistas profissionais, incentivando dessa forma o corpo discente da universidade.

Vale salientar que esse trabalho dirigido ao desenvolvimento e bem estar comum de um povo não é sinônimo de racismo, como muitos insistem em acusar, é sim uma busca da identificação étnica, baseada no respeito pelo resgate, reavaliação e valorização desse povo.

Abibimam



Chega até a nossa s mãos o 1º exemplar do Jornal ABIBIMAM, publicação mensal dos amigos que fazem a A.R.C.A. - Associação de Resgate da Cultura Afro, de Arcoverde, interior de

Pernambuco. Abibimam significa "Povo Negro" em Swahili e abrange a totalidade dos africanos(negros) independente de qualquer fronteira de nação ou de particularidades de tribo ou

etnia. Totalmente situado com o princípio de defesa do(a) negro(a) e da luta contra a discriminação racial, assim como tudo o que fira os direitos humanos, encampados pela entidade que o publica, o ABIBIMAM é mais um importante instrumento de valorização da nossa cultura e espaço para que nos pronunciemos sobre nossa realidade e sobre a concreta esperança de transformação que alcançaremos, porque não é à toa que trabalhamos como acreditamos que exerceremos plenamente a nossa cidadania. Sejam bem-vindos os companheiros do ABIBIMAM!

Contato: Cartas à redação
Rua Júlio Tavares de Lima, 240
Bairro Sucupira - Arcoverde - PE
A/C Paulo E. R. de Carvalho.

Emerge

Considerada uma publicação que é porta-voz das reivindicações, pensamento e questões do povo negro nos Estados Unidos, a revista americana de notícias

"EMERGE" completa 5 anos e enfoca o Brasil na sua edição de aniversário.

A "EMERGE" traz importante reportagem, sobre o racismo no nosso país, intitulada

"As duas faces do Brasil"- movimentos negros dão voz a uma maioria invisível". Na reportagem, o jornalista Lori S. Robinson aborda a realidade brasileira como uma sociedade que celebra a cultura africana do samba, do candomblé, mas que relega o povo negro ao status de 2a classe. Trata da importância do ano de 1995 para os(as) ativistas negros(as) brasileiros(as) como marco da luta negra no Brasil - 300 Anos de Zumbi - e salienta a importância da troca de experiências com líderes e organizações negras de outros países, o que contribuirá para transformar nossa luta interna numa luta internacional, assim como aconteceu com a África do Sul.

"EMERGE" é um grande exemplo do que a Imprensa Negra Organizada pode realizar e conquistar.

Contato: EMERGE MAGAZINE
P.O. BOX 7136, Red Oak - IA
51391 - 0127



Parabéns, Soweto!



No dia 16 de junho de 1976, 600 jovens foram mortos pela polícia do Distrito de Soweto, na África do Sul, quando 20 mil estudantes protestavam contra o regime do apartheid.

A violência contra aquela multidão desarmada provocou uma reação popular conhecida como "O levante de Soweto". Essa resistência permanece até hoje.

Em 5 de maio de 1991, militantes do Movimento Negro Popular e Sindical, juntamente com produtores de cultura negra fizeram o lançamento em São Paulo da "Soweto: Organização

Negra". Essa entidade recém fundada adotou o nome do distrito sul-africano como forma de combate ao "apartheid" brasileiro.

No último dia 15 de maio, a Soweto organizou uma festa para comemorar os 4 anos de existência da entidade. A noite rolou na Soweto-afro-reggae-dance, em Pinheiros, São Paulo com muito vídeo, capoeira, canto e dança. Durante a festa foram gravados depoimentos para a produção de um vídeo referente aos 300 Anos de Zumbi dos Palmares.

IPILE ◯ Raízes

FENEPE na luta com Njinga e Zumbi

O movimento de organização das forças negras é histórico no mundo todo, o que comprova a desigualdade de oportunidades, de tratamento e, consequentemente, de reconhecida inserção, o que reflete uma necessidade universal de efetiva participação do Povo Negro na vida política, social, econômica e cultural do país em que ele estiver inserido.

No Brasil, desde muito cedo, nós negro(as) estamos nos organizando em quilombos, irmandades, frentes, associações, grupos culturais e outros, para, em comum unidade, enfrentarmos e superarmos a institucionalização separatista da discriminação de pessoas, devido a origem étnica, em nosso país evidenciada pela cor da pele: quanto mais escuro (a), mais separado (a), mais apartado (a), seja dos livros didáticos, da educação digna, da TV; dos altos escalões e, evidentemente, do poder.

Culturalmente é aprendido e continua sendo ensinado, que no Brasil não existe racismo. Porém a realidade é bem diferente e constata-se que a discriminação racial, bem como as demais mazelas sociais que têm feito o brasileiro sofrer continuamente, têm sua raiz no sistema de educação, deficiente em



todos os níveis de escolaridade.

Desde 1992, o Fórum de Entidades Negras de Pernambuco - FENEPE - vem se esforçando para contribuir na mudança dessa realidade, organizando atividades do calendário de lutas contra a discriminação racial, visando

unificar e dar maior visibilidade às ações da população negra pernambucana. Desde o ano passado, o FENEPE fortaleceu-se e passou a integrar a Coordenação Nacional de Entidades Negras, articulação surgida com o IENEN - Encontro Nacional de Entidades Negras ocorrido em 1992, em São Paulo.

Composto por diversas entidades e grupos de maioria negra que têm o objetivo específico de combater o racismo e/ou expressar valores culturais de matrizes africanas sem vínculo com as estruturas governamentais ou partidárias, o FENEPE participou com a Coordenação Nacional de Entidades Negras do lançamento da Campanha "300 Anos de Zumbi", ano passado em União dos Palmares, Alagoas. Em Pernambuco, junto à Prefeitura da Cidade do Recife através da Secretaria de Educação do Município nomearam o ano de 1995 como "Ano Escolar Zumbi dos Palmares".

Para marcar a sua atuação no setor de educação, o FENEPE

apresentou ao Prefeito da Cidade do Recife, Dr. Jarbas Vasconcelos, no último dia 10/maio/95, o Projeto "Njinga-Zumbi - Educação do 3º Milênio". O referido projeto objetiva a educação complementar através da utilização de instrumentos pára-didáticos que tenham Arte e Cultura Negra como ponto primordial, trabalhando o lúdico, tão intensamente presente na rica cultura afro-brasileira, além de utilizar a cultura como instrumento de desmassificação.

Para tanto, integrantes do FENEPE participaram das

capacitações do professorado da rede municipal, apresentando o projeto e sensibilizando o corpo docente para a importância dessa proposta. A receptividade foi muito grande, o que comprova a carência, há muito sentida pelos(as) educadores(as), de material e pessoal que saiba tratar a questão cultural negra pela vivência e possa transmitir uma nova forma de educar a criança negra, que amanhã não precisará mais se envergonhar de si mesma, como um dia aconteceu com a esmagadora maioria de nós.

F VIVA A KIZOMBA !

O FENEPE também estabeleceu com o apoio da Fundação de Cultura da Cidade do Recife - FCCR, a realização do evento KIZOMBA NJINGA-ZUMBI, sub-projeto do projeto maior de educação citado acima.

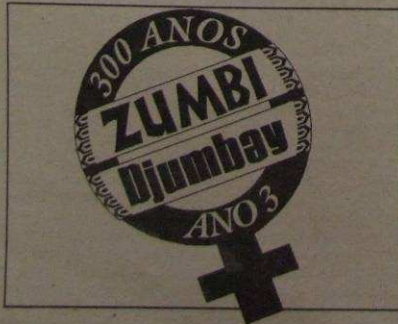
Trata-se de um evento político-artístico-cultural que acontece toda última sexta-feira de cada mês e permanecerá até novembro/95, na Praça do Carmo, em Recife. O local escolhido para o evento refere-se à praça pública onde a cabeça de Zumbi dos Palmares foi exposta até apodrecer para intimidar aos que quisessem seguir o exemplo dele.

KIZOMBA significa "festa"

em Kibundo e essa festa, além de referendar a importância histórica da praça, possibilitará que as entidades que fazem parte do FENEPE divulguem seus trabalhos, mostrando à população o que as entidades negras realizam em Pernambuco. A cada edição da KIZOMBA NJINGA-ZUMBI haverá apresentação de grupo/artista local e outro nacional. A produção do evento fica a cargo da "Companhia de Eventos". No último dia dia 26/ maio foi a vez do desfile afro NEGROS coordenado por Itamira Andrade, do cantor Ivano e Banda Rebelião, além da apresentação do Quilombo Violado. Até lá, muita coisa negra, da boa, vai rolar!

Djumbay

Mulheres negras em evidência



A história do mundo foi escrita de acordo com os interesses do poder dominante, o qual nós sabemos é branco e machista. Mas também é um fato que sempre existiram mulheres negras que conseguiram se "impressar" habilmente, nesse "funil sociológico do poder" e se destacaram, com relevância e dignidade; a exemplo de Njinga (pronuncia-se djinga/ginga/nzinga), Rainha Negra de Matamba - Angola - Ndongo Oriental; Acotirene e Dandara - guerreiras quilombolas; a eterna Mãe Menininha do Gantois;

Winnie Mandela, um modelo universal de coragem; a Senadora Benedita da Silva e tantas outras.

É gradativamente crescente o número de organizações negras com um maior percentual feminino no seu quadro. Crenos que esteja nesse ponto a justificativa do grande avanço desses segmentos na sociedade, apesar da questão de gênero ainda ser vista por muitos de forma negligenciada e tratada dentro dos próprios movimentos antidiscriminatórios de uma maneira complexa e pouco sistemática.

A Djumbay tem 80% do seu

quadro de integrantes formado por mulheres que atuam com capacidade e profissionalismo nas atividades da organização: Ana Maria, Gláucia Maria, Iaraçá Silva, Rosilene Rodrigues e Verônica Gomes, contando ainda com a colaboração de Cláudia Regina, Irismar Silva e Ermelinda, todas juntas formando uma base sólida e inseridas no processo de desenvolvimento e emancipação da mulher brasileira e negra, participando com representatividade nas avaliações e encaminhamentos da entidade. É isso aí Djumbayanas!

YQYÉ ◊ Extraordinária

IMPRENSA NEGRA

A História da Imprensa Negra no Brasil manifestou-se por volta de 1834, com o jornal "O Mestiço" que abordava assuntos referentes ao negro no Brasil. Sempre com o objetivo de reivindicar direitos e atingir a integração e participação do negro na sociedade brasileira, eles começaram a se multiplicar. Eram jornais produzidos por negros para negros, como: "Menelick" (1915), em São Paulo; em Minas Gerais, "A Raça" (1935); no Rio Grande do Sul, "A Alvorada" (1936); no Paraná, "União" (1948) e no Rio de Janeiro, "Quilombo" (1950).

Em Pernambuco, o primeiro jornal de temática negra foi um periódico publicado pela Frente Negra Pernambucana, organizado por José Vicente Lima, Solano Trindade e Barros, o Mulato Pintor nos idos de 1934. Em abril/81, surgiu o "Angola", voltado para a questão religiosa, enfocando a umbanda e o candomblé; era coordenado por Edvaldo Ramos e Jorge Morais, integrantes do extinto MNR-Movimento Negro do Recife. O Afoxé Alafin Oyó lança em 1978 o "Negritude". Em seguida, o "Negritude" é criado pelo MNU-Movimento Negro Unificado, como forma de registrar e tornar público toda a violência da discriminação sofrida pelo negro e a sua luta de combate ao racismo.

Posterior e paralelamente a essa atividade, o MNU lança o boletim "Omnia", o qual tem o mesmo nome do Grupo de Trabalho das Mulheres desse segmento; o objetivo era ampliar a discussão sobre a questão de gênero e sobre a participação da mulher negra na sociedade.

Atualmente, a religiosidade afro-pernambucana vem dando o seu recado através da revista de publicação mensal "Fundamentos Místicos", sob a direção do Babalorixá Clóvis Santos, com a proposta de esclarecer os mistérios das religiões de origem africana e suas complexidades. No que se refere a trabalho jornalístico, o mais recente surgimento da imprensa negra local é o jornal "Djumbay -

Informativo da Comunidade Negra Pernambucana", uma realização da "Djumbay - Organização pelo Desenvolvimento da Arte e Cultura Negra. Ele surgiu em março de 92 com o objetivo de ser o elo entre os demais segmentos da comunidade negra pernambucana. O Djumbay encontra-se na sua 20ª edição, tendo atualmente 6.100 assinantes e uma tiragem mensal de 10 mil exemplares, circulando a nível nacional e em alguns países da Europa, África e Estados Unidos. Em abril/94 este informativo passou a ser utilizado, como material paradiadático nas escolas públicas estaduais de Pernambuco.

A nível nacional, a Imprensa Negra vem crescendo numa proporção bastante considerável,

quantitativa e qualitativamente, tornando-se uma arma poderosa de expressão e sentimento, na busca do verdadeiro exercício de cidadania do diversificado mundo negro e seus grupos culturais. Como exemplo, citamos os jornais "Afro Reggae" e "Majoria Falante", do Rio de Janeiro; a "Gazeta Afro-latina", do Rio Grande do Sul, "Eparrei", de Santos - SP ou o "Correio Afro", de São Paulo, além do "Jornal do Olodum", de Salvador-BA e os recentes "Zumbi", do Fórum de Entidades Negras de Sergipe e o "Malungos", de João Pessoa, entre outros. Expressões estas que se multiplicam quando visualizamos no âmbito internacional, onde o desenvolvimento e a estruturação da Imprensa Negra se dá de acordo com a posição bem mais evidenciada do negro na sociedade; como observamos nas revistas "Emerge", "Ebony" e "Essence", dos Estados Unidos, que circulam aqui no Brasil.

A inserção do negro na imprensa, como condutor da própria história, é uma oportunidade deste revelar sua real participação e construção em todos os aspectos da vida sócio-político-cultural do país e oferece à comunidade negra uma nova visão de si mesma, sob uma ótica totalmente diferenciada da grande mídia, que sempre marginalizou essa classe, enfatizando-a apenas quando ligada a fatos de criminalidade ou indigência; ou ainda, restringindo a capacidade profissional do negro à música ou ao futebol. Estabelecendo assim o lugar do negro na sociedade. Cabe à Imprensa Negra transformar essas imagens, partindo do resgate, reavaliação, desenvolvimento do povo negro, através da valorização histórica e identificação étnico-cultural.

DJUMBAY propõe a realização do 1º Seminário Nacional da Imprensa Negra

Até o momento, a formação historicamente comprometida com o poder dominante, o Povo Negro sempre foi privado, entre outros direitos, do registro de sua própria história. Associada a este fato, a grande mídia, sempre voltada para seus interesses, não proporciona à maioria excluída a liberdade de expressão. Por esses motivos, surgiu em 1834 a Imprensa Negra Brasileira, com o objetivo de repassar uma outra visão dessa realidade; divulgando as dificuldades, conquistas e encaminhamentos da vida do negro no mundo que o rodeia.

A partir do primeiro jornal de temática negra diversos outros impressos surgiram com o mesmo fim, lançados em várias regiões do Brasil. Porém, ainda nos dias atuais, estes jornais ficaram limitados a seus respectivos Estados. Apesar de alguns terem circulação a nível nacional, não obtiveram desenvolvimento efetivo nem

divulgação adequada, devido a ausência de um sistema de comunicação que os unisse com o propósito de formar um elo e permitir a integração dos assuntos e temas abordados; estruturando de forma mais organizada a evolução das ações empreendidas. Um exemplo disso, é a inexistência de um jornal de temática negra, de grande porte, com abrangência ampla e periodicidade diária regular, que possibilite a transmissão, a nível nacional, de fatos e encaminhamentos das nossas questões, proporcionando retornos mais eficientes e objetivos em prol da causa negra.

Tendo detectado essa carência e oportunizando o "Tricentenário de Zumbi dos Palmares-1995", herói negro panamericano, a Djumbay enviou recentemente para alguns órgãos, a proposta de realização do "1º Seminário Anual da Imprensa Negra Brasileira". O projeto tem como meta principal, a criação de um sistema nacional de

comunicação, onde os veículos de comunicação da imprensa negra, existentes em todo o país, possam interagir de forma mais intensa, implantando e implementado, dessa forma, o elo de comunicação nacional que faltava para encamparmos com mais força e unidade os nossos objetivos.

A Assessoria de Comunicação do Jornal DJUMBAY já começa a entrar em contato com entidades que possuam informativos em outros estados do Brasil para fortalecer essa articulação nacional de comunicação, sempre acreditando que a comunicação integrada é o princípio básico para o desenvolvimento do processo ideológico do Povo negro na luta pela cidadania, denunciando as injustiças e "armadilhas" dos grandes oligopólios da comunicação, cumprindo o papel de estimular e sensibilizar para a conscientização da comunidade negra brasileira e do povo brasileiro em geral.



Contatos dos jornais locais em circulação:

- DJUMBAY - Informativo da Comunidade Negra Pernambucana - (Ver no expediente)
- NEGRITUDE - Informativo do MNU (Movimento Negro Unificado)
- BOLETIM OMNIRA - Informativo do Grupo de Trabalho Mulher do MNU-PE - Cristina Vital - fone: 441.5008 (2ª e 4ª à tarde)
- Mônica Oliveira - fone: 231.7408
- Maria Rosa - fone: 271.8305

A

te,
de
ca
le
o
s.
s
,
-
o
e
e

ANGOLA

NOSSO JORNAL DE UMBANDA E CANDOMBLÉ

1987, MARÇO DE 1987 - ANO 1 - Nº 1



TATÁ RAMINHO DE OXOSSE

A BRASILEIRA

Revista e suplemento do jornal "ANGOLA" e órgão do Conselho Afro-Umbandista de Pernambuco

Rua do Pórtico, 66
Recife - Pernambuco - PE

A mais importante
e atualizada revista
do Brasil
sobre
Candomblé
Umbanda
Espiritismo
etc.

Telefone: 333-2100
Recife - PE

lo, além
n", de
ecentes
tidades
ungos",
outros.
e se
zamos
nde o
iração
cordo
mais
dade;
istas
ce",
lam
na
da
ma
real
dos
ico-

TATA RAMINHO DE OXOSSE

A BRASILEIRA

A sua importância
em relação aos
Trabalhos
Culturais
Carateres, etc.

Telefone: 724-2198
Recife - PE

Rua da Pesca, 66
Rua Direita, 66

Wêda o lançamento do jornal
"ANGOLA" e todos os Centros
Afro-Umbandistas de Pernambuco

NEGRICIAÇÃO

BOLETIM INFORMATIVO DO AFONIE DYÓ - RECIFE, DEZEMBRO/81 - ANO 3 Nº 4 PREÇO CR\$ 700

Solano Trindade



MILITANCIA AFRO-PERNAMBUCANA

AFRICA DO SAL
Uma história de lutas
Pág. 4

o Festival de dança
Afro Dyó
Pág. 5

EXPERIÊNCIAS DE CRIANÇAS
E ADOLESCENTES NO BRASIL
Pág. 7

Negritude

INFORMATIVO DO MNU-PE - Nº 7 - MARÇO/ABRIL 84

REFLETINDO O 8 DE MARÇO Dia Internacional da Mulher

Após a 2ª Conferência de Mulheres, em 1975, no Desempenho, foi escolhido o dia 8 de março como o Dia Internacional da Mulher. Este dia foi escolhido em homenagem às 128 mulheres que morreram no acidente de Ponte de Warrington, que ocorreu em 1917, em decorrência da greve realizada pelas mulheres, que reivindicava melhores condições de trabalho e a redução de horas de trabalho para 10 horas.



Atualmente, essas mulheres também trabalham com a produção realizada no cotidiano doméstico para sustentar a vida. A situação precarizada pelo poder público, que tenta impor as normas rígidas das organizações internacionais, faz com que muitas mulheres, especialmente as que trabalham em tempo integral, não tenham condições de sustentar a família. A mulher negra é historicamente a mais vulnerável ao desemprego e à precarização do trabalho.

As mulheres negras enfrentam uma situação de exclusão social e econômica, sendo a maioria delas pobres. Elas vivem em áreas periféricas e têm acesso limitado a serviços básicos de saúde, educação e lazer.

Apesar de enfrentarem tantas dificuldades, as mulheres negras continuam lutando por melhores condições de trabalho e por uma sociedade mais justa e equitativa.

Assim, o Dia 8 de Março tornou-se um dia de luta e reivindicação por uma sociedade mais justa e equitativa, onde todas as mulheres possam exercer plenamente seus direitos e contribuir para o desenvolvimento do Brasil.



MAIORIA FALANTE

Dia de luta contra o racismo vira festa no Rio



Racismo: a guerra fria continua

As manifestações ocorridas no Rio de Janeiro, durante o mês de março, foram mais um capítulo da luta contra o racismo. Apesar de a guerra fria ter terminado, a luta contra o preconceito racial continua. Segundo o presidente da Associação Brasileira de Negros (ABN), o racismo ainda é uma realidade muito presente na sociedade brasileira. Ele afirma que a luta contra o racismo deve ser contínua e organizada.



Plebiscito X Cidadania

Quando se fala em plebiscito, muitos acreditam que se trata de um instrumento de participação popular. No entanto, a realidade é outra. Segundo especialistas, o plebiscito é uma forma de decisão que não garante a participação efetiva dos cidadãos. A cidadania, por outro lado, envolve o exercício pleno dos direitos e deveres cívicos. É necessário promover a educação política e a participação ativa da população para que o plebiscito seja uma verdadeira expressão da vontade popular.

"Caxinguelê"

LEPÊ CORREIA
CAXINGUELÊ



A copa retrata a imortalidade da luta, que

sentir
elas
sentir
Lepê
dom
prof
lem
de-
nem
de s
con
lan
des
arc

YOYÊ ◊ Extraordinária

Vitrine Afro-Pernambucana

"Caxinguelê"



A capa retrata a imortalidade da luta que contém o agrado das ancestrais e reflete através da voz do tambor todo o gíngão e a experiência do(a) negro(a)

Livro de poesias do psicólogo, comunicólogo e estudioso da cultura negra, Lepê Correia., publicado pela Djumbay, Recife - 1993.

"Descobrir palavras nas palavras é esculpir as

sentidos e sentimentos que elas encarnam. Neste sentido, o poeta negro Lepê Correia possui o dom de garimpar as profundezas negras, lembrando-nos um orixá de terra, que não cede nem esbarra ante o mural de sangue perpetrado contra o povo negro, e lança-o aos tambores desta sua poesia aguda, arco retesado em posição, de frente para o combate. Por certo, Solano Trindade fosse vivo, chamá-la-ia para uma cachaça no bar de Badia com o agô de Exu e as louvações de Xangô." (Pedro Lourenço etnólogo/ psicólogo). Preço: R\$ 12,00



Marina Mayume Watanabe retrata na criação da capa uma feliz eira djê de posse da cabaça, com a imagem do mundo, carregando no alto o pássaro eye

Organizado por Carlos Eugênio Marcondes de Moura, publicado pela EDUSP, São Paulo - 1994.

Este livro congrega 06 escritos sobre religião de grande importância para os interessados em se aprofundar mais sobre o candomblé, que reúne renomados

pesquisadores, dentre eles: Pierre Verger (As Yâmi Osorongô), Monique Augras (Os Gêmeos e a Morte), José Luiz Hernández Alfonso

(Santeria). O pernambucano, Manoel do Nascimento Costa (Papai), do Sítio de Pai Adão, também participa desta coletânea, enfocando a violenta repressão policial que se abateu sobre os seguidores do candomblé em Alagoas e Pernambuco nas décadas de 30 e 40, além de descrever em pormenores o sacrifício do boi ao orixá Xangô. Preço : R\$ 30,00

"Rebeldia e Dança"



Foto: Elfrídio Suassuna

Capa: Luiz Arrais

1º LP de Ivano e Banda Rebeldia, lançado dentro das comemorações da Semana da Consciência Negra de 1994. Ivano vem desenvolvendo um trabalho calcado na arte e cultura negra desde 1979, resgatando os heróis negros abafados pelo sistema e valorizando

a luta pela real cidadania. Cantando muito reggae, funk, maracatu e blues, Ivano e Banda Rebeldia trazem um trabalho mais maduro, baseado nos 16 anos na batalha musical. Vale a pena conferir. Preço promocional: R\$ 10,00

"OBI - Oráculos e Oferendas"

Da autoria de Jorge Morais, fundador do Afoxé Alafin Oyó, acunpugturista e pesquisador; há mais de 20 anos fiel às tradições da religião afro-brasileira.

O livro é um trabalho de pesquisa que resgata a utilização do obi- fruto trazido para o Brasil pelos antigos escravos, enquanto método

divinatório, assim como o jogo de ifá e de búzios. Divulga ainda as características do obi enquanto alimento energético e revitalizador. O autor dá uma pincelada na história dos orixás; aborda os tipos de odu que podem se apresentar e as várias maneiras de se partir e oferecer o obi. Esse trabalho é especialmente dirigido à comunidade religiosa como tentativa de resgate dos valores dispersos da Antiga Sabedoria Africana e como contribuição para o enriquecimento de nossa tradição e cultura. Preço: R\$ 12,00



A capa é uma criação do autor e ilustra os jogos divinatórios do obi

Todos os trabalhos acima relacionados estão à venda na Djumbay - Organização pelo Desenvolvimento da Arte e Cultura Negra.

YQYE ◊ Extraordinária

Zumbi muito por cima

Foi motivo de muita polêmica a publicação, nos jornais da Grande Imprensa, da tese do Antropólogo Luis Mott com relação a suposta homossexualidade de Zumbi, quando ele cita cinco fatos que comprovariam ser Zumbi, gay: ter sido criado por padres, geralmente homossexuais; ser descendente de uma nação em que essa prática era comum; seu pênis ter sido colocado em sua boca depois de morto e ter o apelido de sueca.

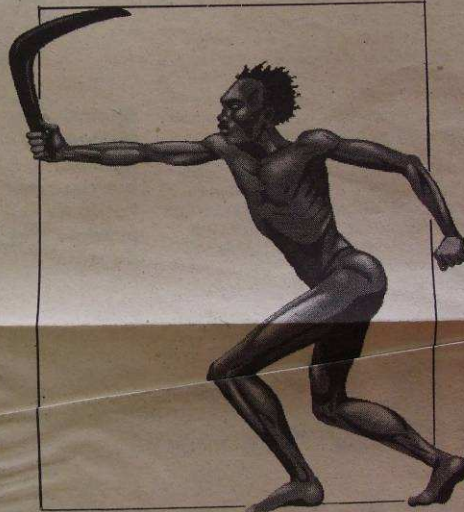
Nei Lopes

Em que medida as preferências sexuais de personagens históricos quando não são do âmbito da Psicopatologia Forense, têm importância para a felicidade de uma nação? Faço essa indagação a propósito de declarações do líder homossexual Luiz Mott que, proclamando uma suposta homossexualidade do ZUMBI DOS PALMARES, proto-mártir da libertação do povo negro no Brasil e nas Américas, no espocar das celebrações do seu glorioso tricentenário, vêm provocando grande alarido. Mas os argumentos, sensacionalisticamente promocionais de Mott são leves e frágeis como plumas ou como nuvem de purpúrina.

Consultando "La vie sexuelle en Afrique Noire", de D.P. Pedrals publicado em Paris, pelo Editor Payot, em 1950, encontramos esta citação do célebre Maurice

Delafosse (tradução nossa): "A pederastia, o lesbianismo, o bestialismo e em geral todas as relações sexuais contra a natureza são excessivamente raras no Sudão (nome antigo de todo o oeste africano até os anos 60 -NT), pelo menos entre as populações de raça negra (...). A pederastia foi introduzida em algumas regiões, é preciso confessar, pelos Europeus e não parece ter feito muitos adeptos entre os indígenas".

Páginas adiante da citação de Delafosse, Pedrals cita o não menos renomado H.A. Junod, que discorre sobre costumes sexuais dos Bantos, grande grupo étnico-linguístico africano que desenvolveu a instituição Kilombo, de tanta importância para nossa História: "Dois vícios



muito difundidos entre as sociedades civilizadas, onanismo e sodomia, eram inteiramente desconhecidos antes da chegada da "civilização" (...) O paganismo grego conhecia essa imoralidade refinada (a sodomia) mas o paganismo banto, pelo

menos na tribo que estudamos, jamais teve idéia dela.

Finalmente, em suas declarações, o líder homossexual baiano afirma que Zumbi tinha alcunha se "sueca". Ai ele acerta: tinha, sim. Só que esse é o nome de guerra, do mesmo

peso de Zumbi e é o aporuguesamento do quicongo (língua africana) *Swèka*; nome que significa, segundo o Dictionaire Kikongo-Français de K.E. Laman (bruxelas, 1964), "inquire, entidade sobrenatural que pode tornar uma pessoa invisível durante a guerra".

Diante disso, retomemos a indagação inicial: qual o interesse que existe, para a História do Brasil exemplo, se o Duque de caxias era *voyeur*, o Almirante Barroso, um *coeu* ou o Pai da aviação dado ao "amor que não ousa, dizer seu nome"?

Nenhum! E Zumbi dos Palmares, o maior líder da resistência contra a escravidão em todos os tempos, está muito por cima disso.

Nei Lopes é advogado e assessor da presidência da Fundação Cultural Palmares do Minc.

NA LIVRO 7
VOCÊ ENCONTRA OS MELHORES LIVROS
SOBRE A CULTURA AFRO-BRASILEIRA





Nós, negros e negras, fomos castrados, entre outros direitos, do registro de nossa História, de nossas origens. A grande mídia, que sempre esteve voltada para os próprios interesses, não nos dá a oportunidade de expressão e foi baseado nesses fatos que surgiu a Imprensa Negra, com uma outra visão dessa realidade, num trabalho sério, divulgando e informando as articulações, as dificuldades, as conquistas, os acontecimentos de um

modo geral, da vida de um povo e tudo que o rodeia.

Mas essa comunicação não deve ser unilateral, não tem por que continuar nesse monólogo, pois uma democracia moderna nasce do direito de expressão.

Preocupada com esse anonimato, a Redação do Jornal Djumbay, mais uma vez vem reforçar o apelo aos leitores para que ocupem o seu espaço de direito na seção "Fala Negritude", da forma que melhor desejar: critique, elogie, divulgue,

informe, eduque, revolucione! Faça tudo isso e muito mais. Contanto que escreva e participe, construindo conosco essa história que também é sua.

A oportunidade é essa, o momento é agora. Contamos com você já na próxima edição. Entre em contato conosco pelo telefax: (081) 224-0637, ou envie para Caixa Postal 1805, ou ainda, caso deseje, faça uma visita à nossa sede: Casa da Cultura/PE - Raio Oeste - 2º andar Sala 303.

Na próxima edição:



Foto: Arquivo Djumbay

Dionorina, o reggaeman balano, aterrissa em Recife no próximo mês de julho

DJUMBAY conclui levantamento étnico na Polícia Militar de Pernambuco

Centro das Mulheres do Cabo grande exemplo de resistência

LEIA

O Informativo da Comunidade Negra Pernambucana e acompanhe os caminhos da arte e cultura negra

Garanta a comodidade de receber em casa, com regularidade e segurança, o que há de melhor na Imprensa Negra Nacional

ASSINE

PARTICIPE

Concorra a brindes e promoções e embarque conosco no "Tricentenário de Zumbi dos Palmares"

Ganhe uma viagem à terra de Zumbi

Djumbay além de uma simples assinatura!



Telefax Djumbay:
(081) 224 0637
Contato direto
com a Arte e
Cultura Negra